



Jornal Notícias

18-01-2012

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 110603

Temática: Política

Dimensão: 905

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/2

ACORDO NA CONCERTAÇÃO SOCIAL AO FIM DE 17 HORAS DE REUNIÕES P.2A5

Patrões reconquistam sábado de trabalho

✘ **Paragem** garantida apenas ao domingo ✘ **Faltas** coladas a feriados levam a corte de quatro dias no salário ✘ **Trabalhador perde** até sete dias de descanso ✘ **Empresas** podem pôr e dispor do funcionário durante 150 horas ✘ **Avarias** nas máquinas afectas a operário podem ditar despedimento

CONCERTAÇÃO SOCIAL



Assinatura marcada para as 11 horas

O acordo é assinado hoje às 11 horas, entre o Governo, com destaque para o primeiro-ministro, Passos Coelho, os representantes dos patrões e a UGT, em representação dos trabalhadores. A CGTP não aceitou o acordo.

Uma boa surpresa



"Foi uma boa surpresa. É preciso uma coragem enorme, num lugar como o do dr. João Proença para aceitar coisas que são mais sérias que a meia hora".

Daniel Bessa EX-MINISTRO DA ECONOMIA

Caminho perigoso



"É um caminho perigoso do ponto de vista da coesão social e da mobilização do país para as dificuldades que temos".

Vieira da Silva

EX-MINISTRO DO TRABALHO E DA SEGURANÇA SOCIAL

Trabalhar ao sábado não dá direito a folga

Pagar mais à hora será única compensação. Trabalhador recebe só mais 25%

— NUNO AGUIAR
nuno.aguiar@dinheirovivo.pt

O acordo de Concertação Social que é assinado hoje entre Governo, patrões e UGT estabelece a eliminação do descanso compensatório. Ou seja, trabalhar num sábado passa a dar só direito a um acréscimo de salário (mais pequeno). A folga deixa de existir.

"A ideia é eliminar a sobreposição que até agora existia entre as folgas e o pagamento de horas extra. Obriga as empresas a pagar só as horas do trabalho suplementar, deixando de haver direito a descanso compensatório", explica João Vieira Lopes, presidente da Confederação do Comércio e Serviços de Portugal (CCP). "Muita gente poderá trabalhar seis dias, dentro dos limites previstos no regime dos bancos de horas. Isto será sobretudo relevante em sectores como os transportes e empresas intensivas em mão-de-obra."

Embora muitas empresas concedam um dia inteiro de folga por um sábado, legalmente as oito horas de trabalho suplementar não obrigatório dão direito a um descanso de 25% desse período (duas horas). Ao fim de quatro sábados, há um dia de folga. A nova premissa é a seguinte: "Quem trabalhar ao sábado ganha por essas horas, mas não folga. E as taxas da remuneração suplementar devem diminuir", explica Pedro Furtado Martins, jurista da Sêrvulo e Associados.

Na prática, isso significa que os trabalhadores poderão trabalhar seis dias por semana a pedido da empresa, até 25 vezes num só ano. "Não é legalmente viável que os trabalhadores trabalhem sistematicamente seis dias por semana", afirma Nuno Guedes Vaz, da área de Direito Laboral da PLMJ. "O período normal diário são oito horas, logo, mesmo com o limite anual de 200 horas, o máximo de dias de descanso semanal que o trabalha-



Álvaro Santos Pereira conseguiu o acordo. Governo, patrões e UGT assinam hoje novas regras laborais

"A paz social não está garantida e haverá conflitos"

O secretário-geral da UGT admitiu que o acordo de concertação social que assinará com o Governo e os outros parceiros não é uma garantia de paz social. Pelo contrário, João Proença garante que haverá conflitos na negociação colectiva.

"A paz social não está garantida e haverá conflitos. A conflitualidade depende das relações de trabalho", afirmou numa conferência de imprensa organizada na sede da UGT,



para anunciar que a central sindical aprovaria o acordo de Concertação Social. "A UGT não fez um acordo renunciando ao direito à greve. Na negociação colectiva haverá com certeza conflitos". O sindicalista mostrou-se satisfeito com as conquistas que obteve na mesa das negociações. "É um acordo tripartido em que todos acham que têm a ganhar. Consideramos que os trabalhadores também ganham", sublinhou, acrescentando que "foi uma opção difícil da UGT. Uma opção de responsabilidade. Derrotámos a meia hora. As contrapartidas exigidas foram diminuídas com a obtenção de um acordo. Foram dias muito duros, processos muito longos.

dor pode ser chamado a prestar por trabalho suplementar não pode ultrapassar, por ano, 25."

Vamos ser mais competitivos?

A ideia inicial do Governo e da troika era reduzir os custos salariais, baixando as contribuições das empresas para a Segurança Social. O projecto foi substituído pelo aumento de meia hora de trabalho diário. Também morreu. A solução encontrada foi cortar dias de férias, eliminar feriados e passar a contar as pontes como férias involuntárias, entre outras. Estas alterações, em conjunto com a mudança de regras do subsídio de desemprego, a redução das indemnizações por despedimento e a contracção no pagamento de horas extraordinárias, levam a uma redução dos custos da mão-de-obra. ■

Flash

MANUEL SOMMER
PSICÓLOGO
COM EXPERIÊNCIA
EM FORMAÇÃO
NAS EMPRESAS



A conjuntura de dificuldade deve ser explicada às crianças num prisma construtivo: houve uma mudança que obriga a novos hábitos, como a poupança.

Alternativa passa pela adaptação

Depois da perda dos subsídios, segue a diminuição dos dias de férias e folgas. É mais um choque? Não é o tempo em família que fica ameaçado?

Os portugueses têm levado pequenos choques ultimamente, há anos que é assim, é uma surpresa relativa. Estar menos tempo em família já se verifica. O desafio passa agora por saber transformar esse tempo em tempo qualidade, por substituir os momentos de lazer anteriores, se calhar mais dispendiosos, por outros acessíveis.

Sem regalias e benesses, os trabalhadores não ficam desmotivados? Claramente, as políticas tiraram o foco da protecção das pessoas, para, em vez disso, protegerem as empresas. Não há outra alternativa que não a adaptação à nova realidade. Tem de se entrar no jogo. As pessoas têm de compreender que as empresas também são estruturas muito frágeis, que, a qualquer momento, podem fechar.

Onde se vai buscar a motivação? As pessoas têm de reagir, não serve de nada entrarem numa lógica derrotista; e dar a volta às dificuldades. A mudança é sempre difícil. Julgo que a solução se encontra no investimento em si próprio, na formação, no crescimento pessoal e no aumento do seu contributo.

Como explicar a conjuntura de crise e mudança aos filhos? Deve ser explicada, sim, mas com uma mensagem positiva, valorizando a contenção e a poupança, assim como o combate ao desperdício. DINA MARGATO